



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MAYANNE JÚLIA TOMAZ FREITAS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMINISTA DE HOMENS: UM CASO
PIONEIRO NO BRASIL**

JOÃO PESSOA

2016

MAYANNE JÚLIA TOMAZ FREITAS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMINISTA DE HOMENS: UM CASO
PIONEIRO NO BRASIL.**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito para obtenção da
conclusão do Curso de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Eulina Pessoa de
Carvalho.

JOÃO PESSOA
2016

F866c Freitas, Mayanne Júlia Tomaz.

A construção da identidade feminista de homens: um caso pioneiro no Brasil / Mayanne Júlia Tomaz Freitas. – João Pessoa: UFPB, 2016.

46f.

Orientadora: Maria Eulina Pessoa de Carvalho
Monografia (graduação em Pedagogia - licenciatura) – UFPB/CE

1. Identidade feminista. 2. Homens feministas. 3. Movimento feminista. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 141.72(043.2)

MAYANNE JÚLIA TOMAZ FREITAS

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMINISTA DE HOMENS: UM CASO
PIONEIRO NO BRASIL.

O presente trabalho foi submetido à avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências do Curso de Pedagogia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em 21 / 06 / 16

Banca examinadora

Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Professora Doutora Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Orientadora – UFPB

Jeane Félix da Silva

Professora Doutora Jeane Félix da Silva

Examinadora – UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Jailton Freitas e Maria José Tomaz Freitas, que sempre me incentivaram, apoiaram e vibram por mim. A minha mãe uma guerreira que sempre me estimulou, a ser uma mulher independente, e lutar por meus objetivos e que em todos os momentos em que precisei estava disposta a me ouvir. Ao meu pai que sempre me falava da importância de estudar e do conhecimento. Aos meus familiares irmã, avôs, avós, tios, tias, madrinha, padrinho, primas e primos por todo apoio.

Aqui também exponho minha eterna gratidão a minha orientadora Maria Eulina Pessoa de Carvalho, a quem tenho uma grande admiração como pessoa, professora, mãe e mulher. Agradeço pela confiança depositada a mim por todos os ensinamentos que ultrapassaram os muros da UFPB e por tudo que tem feito em minha vida. Jamais esquecerei!

A todas/os as/os professoras/es que passaram por minha formação. Ao NIPAM de forma muito especial um lugar onde vivencie bons momentos de aprendizagem e construir grandes amizades. As professoras e integrantes desse núcleo.

A Jeane Félix por toda confiança e paciência, mesmo no pouco tempo de convivência. Muito obrigada por todas as contribuições na minha vida acadêmica e pessoal.

A todos/as a minhas amigas que fiz durante minha formação desde as/os colegas de salas aos de viagens para os eventos acadêmicos.

Ao professor Jorge Lyra pela atenção e disponibilidade na participação da pesquisa.

E a todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia tem como objetivo explorar a identidade feminista e conhecer a trajetória de homens feministas, a partir de pesquisa bibliográfica e empírica. Nessa direção, relata a trajetória do movimento e da teorização feminista até a chegada dos estudos dos homens; conceitua os termos gênero, identidade e identidade feminista; e explora a possibilidade de uma identidade feminista de sujeitos homens, que grosso modo têm posição dominante nas relações de gênero. O levantamento bibliográfico foi feito na internet com as palavras-chave “identidade feminista” e “homens feministas” num primeiro momento, evidenciando a escassez de trabalhos sobre o tema; num segundo momento foi feito nas dez últimas Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), e em duas revistas: a Revista Brasileira de Educação (RBE) e a Revista Estudos Feministas (REF) nos anos de 2013, 2014, 2015 e números disponíveis em 2016, confirmando a referida escassez. Para ilustrar a inclusão dos homens no movimento feminista, apresenta-se a trajetória, colhida em 2015, através de entrevista biográfica, de um acadêmico feminista fundador de uma ONG e de um núcleo universitário pioneiros no estudo dos homens e das masculinidades: o INSTITUTO PAPAI e o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA, integrante da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero (Redor). O docente entrevistado visualiza o movimento feminista como um projeto coletivo, ou seja, feminismo é uma luta de todos e todas. Confirma-se então a importância dos homens nesse movimento que visa o empoderamento das mulheres e a mudança das identidades de mulheres e homens, na luta pela equidade de gênero. A conclusão aponta a importância da inclusão dos homens no movimento feminista e desta temática na formação de educadoras e educadores.

Palavras-Chave: Identidade Feminista. Homens Feministas. Movimento Feminista. Feminismo Acadêmico. Redor.

ABSTRACT

This Final Graduation Project for the Education Program has as its aim to explore feminist identity and get to know the trajectory of feminist men, based on bibliographical and empirical research. As such, it reports the trajectory of the feminist movement and its theory all the way until men's studies; conceptualizes the terms gender, identity, and feminist identity; and explores the possibility of a feminist identity in male subjects who, as a whole, have a dominant position in gender relations. The bibliographical gathering was done on the internet using "feminist identity" and "feminist men" as key-words at first, revealing the scarcity of work on the topic; after that, it was carried out in the last ten meetings of the Brazilian Educational Research Association (*Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação* - ANPED), and in two journals: *Revista Brasileira de Educação* (RBE) and *Revista de Estudos Feministas* (REF) in the years of 2013, 2014, 2015 and issues available for 2016, which also confirmed its scarcity. To illustrate the inclusion of men in the feminist movement, it shows the trajectory of a male feminist scholar, founder of an NGO, and of a university gender studies center, both pioneers in the study of men and masculinities: *INSTITUTO PAPAI* and *Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA*, member of the North and Northeast Feminist Network of Gender Studies Centers (*Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero - Redor*). The interviewed scholar views the feminist movement as a collective project or, in other words, feminism is everyone's struggle, male or female. The importance of men in such movement, which targets empowering women and a change in men's and women's identities, is confirmed, in the overall struggle for gender equity. The conclusion points out the importance of inclusion of men in the feminist movement and of the theme in the training of educators.

Keywords: Feminist Identity. Feminist Men. Feminist Movement. Academic Feminism. Redor.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
2. MOVIMENTO FEMINISTA: UM BREVE HISTÓRICO	9
2.1 GÊNERO	11
2.2 TEORIAS DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO	12
2.3 ESTUDOS FEMINISTAS	18
2.4 A REDOR	19
3. ESTUDOS DOS HOMENS E MASCULINIDADES	21
3.1 PIONEIRISMO DOS ESTUDOS FEMINISTAS DOS HOMENS NO NORDESTE	22
3.1.1 Instituto PAPAI	24
3.1.2 GEMA.....	25
3.1.3 Os principais protagonistas	26
4. TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UM FEMINISTA	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS:.....	34
APÊNDICE A – Mapeamento GT23 da ANPED	37
APÊNDICE B - Mapeamento da Revista Brasileira de Educação	39
APÊNDICE C - Mapeamento da Revista Estudos Feministas.....	40
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	44
ANEXO B - Carta de Anuência para Autorização de Pesquisa.....	45
ANEXO C - Questionário de Entrevista	46

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa estudar a identidade feminista, destacando sujeitos homens de um núcleo de estudos articulado à Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR). Tal rede realiza encontros periódicos com o objetivo de dar visibilidade aos estudos de gênero nas duas regiões.

A motivação para esta investigação surgiu quando me tornei bolsista de pesquisa de um projeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao projeto CNPq apresentado à Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N°32/2012, intitulado “Trajetórias e contribuições dos núcleos de estudos da mulher e relações de gênero integrantes da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero – REDOR: do pessoal ao institucional”(CARVALHO, 2015a). O projeto PIBIC originou dois planos de trabalho e me inseri em um deles: “Trajetória dos núcleos de estudos da mulher e relações de gênero integrantes da REDOR”. A pesquisa foi desenvolvida durante dois anos: no primeiro, mapearam-se todos os núcleos e grupos de estudos articulados à REDOR; e no segundo selecionaram-se quatro fundadoras/es ou atuais dirigentes desses núcleos/grupos para entrevistas. Uma das entrevistas foi realizada com um docente feminista.

Foi a partir dessa pesquisa que descobri a existência de um núcleo pioneiro de estudos sobre masculinidades, formado por homens. No mesmo período da descoberta desse núcleo foi lançada uma campanha da ONU Mulheres, denominada Eles Por Elas, que pretende acabar com a violência de gênero e convida os homens a tornarem-se feministas. Também tomei conhecimento de discussões de blogs e sites feministas que não consideravam os homens como feministas, apenas pró-feministas. Assim, resolvi aprofundar minha pesquisa pensando na construção da identidade feminista dos homens, campo que apresenta escassez.

Os sujeitos que fundam/fundaram núcleos de estudos de gênero em universidades são acadêmicas/os feministas, comprometidas/os com a causa da superação das desigualdades de gênero e da subalternidade das mulheres. Assumem, portanto uma identidade feminista. Inicialmente, esses sujeitos eram mulheres, mas posteriormente vão surgir homens feministas.

O objetivo geral deste texto, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia, é explorar a identidade feminista e conhecer a trajetória de um docente feminista. Para tal temos como objetivos específicos: relatar a trajetória do movimento feminista até a chegada dos estudos dos homens; conceituar os termos identidade e identidade feminista; e explorar a possibilidade de uma identidade feminista de sujeitos homens, bem como apontar a importância da inclusão dos homens no movimento feminista.

Este estudo é de caráter bibliográfico e empírico. O levantamento bibliográfico foi feito na internet com as palavras-chave “identidade feminista” e “homens feministas”. Também foi feito um mapeamento nas últimas 10 Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), e em duas revistas importantes (Qualis A1): a Revista Brasileira de Educação (RBE) e a Revista Estudos Feministas (REF) nos anos de 2013, 2014, 2015 e números disponíveis em 2016. Além disso, para ilustrar a inclusão dos homens no movimento feminista, apresenta-se a trajetória de um acadêmico feminista. Para colher essa trajetória, foi realizada uma entrevista biográfica que abrangeu seu percurso de vida pessoal e profissional. Cabe destacar que se tentou incluir mais de um docente feminista na pesquisa, porém, devido a limites de tempo, tanto para elaboração deste TCC, quanto dos docentes contatados, tal não foi possível.

Para compreendermos como se desenvolve a identidade feminista desse sujeito, o texto se divide em três capítulos. O primeiro traz uma breve história do movimento e da teorização feministas e da REDOR. O segundo apresenta a participação de homens no movimento feminista, o surgimento dos estudos dos homens, um mapeamento das produções sobre estudos dos homens e masculinidades, e a ONG e núcleo pioneiros no Nordeste focados em questões de homens e masculinidades, respectivamente, o INSTITUTO PAPAI e o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA. O terceiro analisa uma entrevista com um dos fundadores do Instituto PAPAI e do GEMA e de suas produções acadêmicas, disponíveis no currículo Lattes.

A discussão sobre a construção da identidade feminista de homens possui grande relevância para a formação no Curso de Pedagogia quando consideramos que estamos aptas/os a exercer um papel formativo da sociedade e da cultura, a partir e além da escola. Assim, podemos influenciar na educação dos meninos e meninas em prol da equidade de gênero ao longo da vida.

2. MOVIMENTO FEMINISTA: UM BREVE HISTÓRICO

O feminismo é um movimento social, teórico e político, que busca a igualdade – legal, social, cultural – entre mulheres e homens (LORBER, 2010). É também conhecido como movimento de mulheres e movimento libertário. Segundo Pinto (2010, p.16):

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Historicamente as mulheres foram consideradas indivíduos com status social inferior e com menos vantagens do que os homens da mesma classe social, raça/etnia, religião, nível de escolaridade e faixa etária. Seus direitos legais eram idênticos aos das crianças. Essas desigualdades de gênero são estruturais e reproduzidas pelas instituições sociais e culturais: casamento e família, trabalho e economia, política, estado, direito, religiões, artes, produções culturais, ciências e linguagem (LORBER, 2010). Nesse contexto, o movimento feminista opunha-se à dominação das mulheres pelos homens e lutava, inicialmente, por direitos iguais, como destaca Fittipaldi (2005, p. 135):

[...] o movimento feminista, reconhecendo no homem o padrão e o ideal do humano, baseava todas as suas reivindicações na busca pela igualdade, ou seja, na busca incessante pelo direito dos homens estenderem-se às mulheres. Elas desejavam participar ativamente da vida pública e em igualdade de condições: mesmos direitos e deveres do sexo masculino. Foi uma luta contra o sexismo.

Nesse sentido, as mulheres passaram a entender que para sua atuação no espaço público era necessário utilizar a linguagem dos homens para serem compreendidas. As mulheres passaram a exercer um duplo papel (feminino e masculino), atuando no espaço público e ainda responsabilizando-se pelo espaço privado (família e filhos/as), mas os homens não procuraram se feminizar, ou seja, compartilhar o cuidado das crianças e o trabalho doméstico. Com tempo as mulheres entenderam que precisavam ser respeitadas por sua diferença (FITTIPALDI, 2005). Assim o movimento feminista vai do feminismo da igualdade

para o feminismo da diferença e, finalmente, nasce para a equidade e o respeito entre os homens e mulheres.

De acordo com Lorber (2010), o movimento feminista surge no século XIX com reivindicações no campo público (direitos políticos e patrimoniais) e no campo privado (propriedade do próprio corpo, contracepção legal/planejamento da gravidez).

A história do movimento feminista acontece em três ondas. A primeira ocorre no século XIX e primeira década do século XX, denominada Sufragismo. Segundo Lorber (2010), baseava-se na teoria da igualdade, fundamentada na filosofia política liberal de John Stuart Mill. A principal reivindicação nesse momento foi de direitos políticos e patrimoniais: luta pelo voto, pelo direito de herdar, contrair empréstimo, usufruir de valor econômico, iniciar um divórcio e ter a guarda dos/as filhos/as e de entrar na universidade, obter certificação médica, advogar e ser membro de júri. Incluiu ainda lutas pela propriedade do próprio corpo, contracepção legal/planejamento da gravidez.

A principal luta travada foi pelo direito ao voto, que teve momentos dramáticos como se pode ver no filme “As Sufragistas” (GAVRON, 2015), sobre a luta das mulheres na Inglaterra. As mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto em 1932, mas segundo Blay (2001, p.606) elas só votam pela primeira vez em 1945. “A entrada feminina no espaço público ocorreu, então de forma lenta e progressivamente” (FITTIPALDI, 2005, p. 135).

A segunda onda ocorre de 1960 a 2000, antecedida por importantes eventos, a exemplo da publicação de *O Segundo Sexo* (1949), escrito por Simone de Beauvoir, que faz uma crítica ao determinismo biológico: *não se nasce mulher, torna-se mulher*. Outros eventos importantes da década de 1960 foram os movimentos civis/juvenis/estudantis.

Nessa segunda fase têm início as lutas por representação política, direitos legais no trabalho, ingresso em profissões masculinas; contra a violência sexual, prostituição, pornografia, representações sexistas das mulheres na mídia e produções culturais, assédio sexual de trabalhadoras e estudantes; por mudanças na linguagem, ciência e história para visibilizar as experiências e contribuições das mulheres, foco dos estudos feministas. É no intervalo das décadas de 1970 a 90 que surgem as vertentes, explicadas a seguir, a partir das contribuições de Judith Lorber (2010): vertentes emergentes nas décadas de 1970 (liberal, marxista, socialista, pós-

colonial e asiática); vertentes emergentes nas décadas de 1980 (radical, lesbiana, psicanalítica e do ponto de vista); e vertentes emergentes na década de 1990 (multiétnica/multirracial, estudos dos homens, construcionismo, pós-moderna e teoria queer).

Das vertentes trazidas por Lorber, as últimas desafiaram o conhecimento sobre sexo, sexualidade e gênero, e a dualidade e oposição entre macho-fêmea, homossexual-heterossexual, mulheres-homens. Proclamaram múltiplos sexos, sexualidades, gêneros e expressões de masculinidade e feminilidade. Neste trabalho, a ênfase será dada aos estudos dos homens.

A terceira onda ocorre de 1990 aos dias atuais, assume causas que transversalizam o gênero, como o movimento pacifista, ambientalista, LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Nesse período, de acordo com Lorber (2010), após um histórico de lutas e conquistas das mulheres, o movimento encontra-se ganhando força e integrantes jovens que cresceram com o feminismo, herdeiras/os dos currículos inclusivos de gênero e de um mundo político, econômico e social menos segregado. O feminismo da terceira onda (pós-moderno, teoria queer) admite que a igualdade de gênero é a norma, que a agência das mulheres e a sexualidade feminina são formas de poder.

2.1 GÊNERO

De acordo com Louro (1997), gênero é um conceito que se constrói no campo das relações sociais, no âmbito do movimento e da teorização feminista, na segunda metade do século XX. Deve ser pensado como relacional (de acordo com o construto *relações de gênero*) e utilizado referindo-se a mulheres e homens, evitando-se assim afirmações generalizadas a respeito desses sujeitos. Portanto, é um conceito que necessita ser refletido numa configuração plural e interseccional, considerando sociedades, momentos históricos e os grupos étnicos, religiosos, sociais, de classe e geracionais.

Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p.18) situam o gênero a partir da cultura androcêntrica e da sociedade patriarcal, em que as mulheres eram consideradas inferiores e subordinadas nas relações sociais, nos âmbitos privado e público. Por isso, inicialmente, os estudos de gênero enfocaram as mulheres, sua condição e posição. Assim, a/os autores referidos entendem gênero, com base em

Pierre Bourdieu, como “uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos”, que resulta em uma construção sociocultural baseada em diferenças sexuais entre mulheres e homens. As relações de gênero, uma forma primária de relações de poder, determinam identidades, qualidades, valores, objetos culturais, tanto no nível individual, quanto nas relações e práticas sociais.

Nessa perspectiva, o gênero torna-se um conceito importante, que atravessa todas as áreas de conhecimento e políticas e práticas sociais, pois surge para denunciar as desigualdades sociais entre homens e mulheres no curso histórico e ainda presentes atualmente.

2.2 TEORIAS DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Lorber classifica o feminismo contemporâneo segundo seus questionamentos teóricos e políticos em diversas vertentes que perpassam as décadas de 1970, 80 e 90.

Vertentes emergentes nas décadas de 1970:

- *Feminismo Liberal* – Também chamado de igualitário ou universalista, teve origem no iluminismo. Argumenta que a sociedade acredita na incapacidade intelectual e física das mulheres comparada aos homens. Sua agenda política aborda as desigualdades. Contribuiu para tornar a linguagem e a educação mais neutras quanto a gênero; e influenciou nos direitos civis, políticos e sociais. Suas principais representantes são: Mary Wollstonecraft (século XVIII); John Stuart Mill, Harriet Taylor, Harriet Tubman (século XIX); Eleanor Roosevelt, Betty Friedan, Gloria Steinem, Naomi Wolf, Martha Nussbaum, Hillary Clinton (século XX); no Brasil, Bertha Lutz (WIKIPÉDIA, 2016; LORBER, 2010).
- *Feminismo Marxista* – Foca a opressão das mulheres por meio dos sistemas do capitalismo e da propriedade privada. Argumenta que a libertação das mulheres só pode ser alcançada através de uma reestruturação radical da economia capitalista. Sua agenda política visa o trabalho assalariado permanente para as mulheres (esposas, donas de casa e mães assalariadas); benefícios na maternidade e paternidade e para as crianças; e

a sindicalização das mulheres trabalhadoras (WIKIPÉDIA, 2016; LORBER, 2010).

- *Feminismo Socialista* – Baseia-se em conceitos encontrados no marxismo e relaciona suas ideias com as condições materiais e históricas das vidas das pessoas. Destaca a incapacidade de liberdade das mulheres por dependerem financeiramente dos homens. Vê a libertação das mulheres como indispensável na busca por justiça social, econômica e política para todos/as. Sua agenda política visa a redistribuição das responsabilidades na família; o aumento das oportunidades econômicas para todas/os em desvantagem; a valorização dos trabalhos da mulher; o apoio governamental ao trabalho de cuidado na família; os direitos universais à educação, assistência de saúde e programas de renda mínima e o acesso aberto ao poder político governamental e não-governamental (WIKIPÉDIA, 2016; LORBER, 2010).
- *Feminismo Pós-Colonial e Asiático* – Conhecido também por Feminismos do Sul ou do Terceiro Mundo, sua agenda política visa a proteção dos recursos econômicos das mulheres nos programas de modernização; escolarização das meninas; serviços comunitários de assistência à saúde, planejamento familiar, prevenção e tratamento da Aids; campanhas contra mutilação genital, trabalho infantil e tráfico sexual; organização comunitária de mães; movimentos nacionais de mulheres; empoderamento das mulheres na política nacional (LORBER, 2010).

Vertentes emergentes nas décadas de 1980:

- *Feminismo Radical* – Situa a opressão das mulheres nas relações de gênero patriarcais, assim, propõe um reordenamento radical da sociedade para eliminar a superioridade masculina em todos os contextos sociais e econômicos. Luta para erradicar o patriarcado, contra os papéis tradicionais de gênero, o estupro e a violência machista. Sua agenda política visa a valorização de todos os tipos de corpos e sexualidade das mulheres e as qualidades maternais; a criação de centros de atendimento e abrigos para mulheres estupradas e espancadas; proteção contra o tráfico sexual internacional; orientações e penalidades contra o assédio sexual em locais de

trabalho e escolas; campanhas anti-pornografia e contra a misoginia na mídia (WIKIPÉDIA, 2016; LORBER, 2010).

- *Feminismo Lésbico* – Chamado também de separatismo lésbico, esta vertente protesta contra a posição subordinada das mulheres e dos homossexuais na sociedade e assume uma dupla luta: por direitos das mulheres e homossexuais. Dentro da academia integra os Estudos Gays e Lésbicos. Sua agenda política visa a aceitação social da sexualidade, relacionamentos e maternidade lésbica; o empoderamento das mulheres identificadas com mulheres; a igualdade no casamento para casais heterossexuais e homossexuais (WIKIPÉDIA, 2016; LORBER, 2010).
- *Feminismo Psicanalítico* – Discute as estruturas de personalidade gendradas – homens com ‘egos seguros’ e mulheres com ‘egos permeáveis’; o temor sublimado pelos homens de castração por mulheres fortes; dominação cultural pela perspectiva fálica (falocentrismo). Sua agenda política visa correção do viés masculino na teoria e prática psicanalítica; produção de cultura que revele as emoções, sexualidade e conexão com o corpo das mulheres; maternidade/paternidade compartilhada para desgendar as personalidades das crianças (LORBER, 2010).
- *Feminismo do Ponto de Vista* – Discute a negligência à perspectiva e às experiências das mulheres na produção do conhecimento; exclusão das mulheres das ciências; viés masculino na pesquisa científica e social. Sua agenda política visa colocar as mulheres no centro da pesquisa nas ciências físicas e sociais, como pesquisadoras e sujeitos; colocar questões de pesquisa do ponto de vista das mulheres; produzir conhecimento a partir de diversas perspectivas de mulheres (LORBER, 2010).

Vertentes emergentes na década de 1990:

- *Feminismo Multiétnico/Multirracial* – A teorização surge da interseção de discriminações de raça/etnia, classe social e gênero; contínuos padrões de privilégio e desvantagem econômica e educacional inseridos na estrutura social; desvalorização cultural de mulheres de grupos etnicorraciais subordinados. Sua agenda política visa a redistribuição do privilégio – acesso igual à educação, bons empregos e poder político; reconhecimento – produção de conhecimento que reflita as perspectivas dos grupos

subordinados; valorização das produções culturais das mulheres de várias origens etnicorraciais (LORBER,2010).

- *Estudos Feministas dos Homens* – Discute a masculinidade hegemônica – dominância econômica e política e dos valores culturais dos homens da elite; legitimação da violência dos homens e da exploração sexual das mulheres; socialização que encoraja a agressividade e a não-emocionalidade dos meninos. Sua agenda política visa promover maior igualdade econômica, educacional e política; elevar o status de homens em situação de desvantagem, incluindo homens gays e transgênero; responsabilizar os homens pelo controle do seu próprio comportamento violento (LORBER, 2010) e pelo cuidado.
- *Feminismo Construcionista Social* – Postula que a transformação ocorrerá por meio do desgendramento da ordem social. Discute as práticas e processos de gendramento na vida cotidiana: gendramento das crianças, dos corpos e sexualidades, da divisão do trabalho na família, das organizações do trabalho; e também os valores culturais inseridos no gendramento e no gênero como status social. Sua agenda política busca visibilizar os processos de construção de gênero; minimizar o gendramento das crianças; contrabalançar o poder das normas de gênero no trabalho e na família; abolir os binarismos de sexo, sexualidade e gênero; contestar as valorizações culturais dos binários de gênero (LORBER, 2010).
- *Feminismo Pós-Moderno e Teoria Queer* – Os estudos gays, lésbicos e da transgeneridade desenvolveram a teoria queer que focaliza ‘terceiros termos’: intersexualidade, bissexualidade, transgeneridade. Essa vertente adota a política mais avançada de abolição da ordem social de gênero. Discute a crença na fixidez e inevitabilidade do gênero e da sexualidade; limites à ‘normalidade’ de gênero e sexo; replicação cultural e individual do comportamento normativo de gênero e sexo. Sua agenda política visa questionar o que é supostamente normal quanto ao gênero e à sexualidade; demonstrar a fluidez das fronteiras de gênero e sexo; queerizar, subverter as categorias binárias de gênero e sexo; os direitos das pessoas LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer e Intersexuais) (LORBER, 2010).

Basicamente, o compromisso feminista é com a superação da dicotomia e das desigualdades de gênero, da desvalorização da feminilidade, do binarismo de gênero e do próprio gênero, como marca que diferencia os sujeitos humanos. Esse compromisso requer uma identidade feminista, que se pluraliza em várias identidades ao longo do tempo, de acordo com as interseções de classe, raça/etnia, localização geográfica, idade/geração e com os debates dentro do próprio campo de estudos feministas.

Castells (1999) explica identidade a partir dos atores sociais, entendendo a identidade como um processo de construção de significados, baseado em características culturais, com a possibilidade de haver identidades múltiplas para um determinado indivíduo ou ator coletivo. Essa pluralidade ocasiona contradições na auto-representação e na ação social, o que requer definição da relação entre identidade e papel. Os papéis são determinados por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade e determinam as identidades. Por outro lado, as identidades são mais compostas de significados do que papéis. As identidades organizam significados enquanto os papéis organizam funções.

Segundo Castells (1999, p.23), “toda e qualquer identidade é construída”. A construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder, assim ele propõe três formas de origem da construção de identidades: identidade legitimadora; identidade de resistência e identidade de projeto. Essa construção desenvolve-se numa sequência: da identidade de resistência, quando atores se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas, para a identidade de projeto, que almeja uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, por fim, legitimar-se, quando passa a expandir e racionalizar sua dominação, alcançando a identidade legitimadora.

No caso da identidade feminista, de acordo com Moraes (2016) ela foi e é construída a partir da consciência do papel subordinado da mulher e de sua identidade submissa, no contexto da desigualdade de gênero. Portanto, a identidade feminista, individual e coletiva, é tanto identidade de resistência à desigualdade de gênero e à dominação masculina, quanto identidade de projeto: de um mundo com igualdade e justiça de gênero. Este é o projeto do feminismo, enquanto movimento social e campo de teorização.

Judith Lorber (2010) classifica os feminismos segundo suas teorias da desigualdade de gênero em:

- *Feminismos Reformistas*, vertentes da primeira onda (liberal, marxista, socialista, pós-colonial, asiático), ligados aos direitos humanos das mulheres. Focam no trabalho, seja na divisão sexual, seja na desvalorização e participação reduzida das mulheres na vida pública (executivo, legislativo e judiciário). Sua agenda política identifica-se com aquela de todos os grupos sociais subordinados ao buscar a erradicação das práticas de discriminação das mulheres através da paridade de sexo e transversalização de gênero. As teorias reformistas construíram as bases teóricas da segunda onda do feminismo ao visibilizar os alicerces estruturais da ordem social gendrada.
- *Feminismos de Resistência* enfocam apenas as mulheres e criticam o patriarcado e as micro-desigualdades. Suas vertentes (radical, lesbiano, psicanalítico, do ponto de vista) estão ligadas à segunda onda. Afirmam que a paridade de sexo e transversalidade de gênero não são suficientes; é preciso transformar a ordem social gendrada a partir das experiências, perspectivas, vozes das mulheres. Sua agenda política busca a criação de políticas de proteção aos corpos, à integridade sexual, as pessoas LGBT e espaços físicos e comunidade culturais para mulheres.
- *Feminismos Revolucionários* partiram do foco na posição social e nos distintos pontos de vista para multiplicar as categorias de mulheres e homens e reivindicar um mundo sem gênero. Suas vertentes estão relacionadas à terceira onda (multirracial/multiétnico, estudos feministas dos homens, construcionismo social, pós-modernismo). Foca na (re)produção da ordem social gendrada através do “fazer gênero”. Sua agenda política busca a criação de uma ordem social não-gendrada, conscientização do comportamento dos homens, desconstrução do binarismo e heterossexismo, e queerizar o gênero.

Assim, o sujeito feminista historicamente é a mulher, ou melhor, são as mulheres em suas diversas e múltiplas identidades. Porém, como diz Bell Hooks (2000 citada por CARVALHO, 2015b), o feminismo é para todos, e interessa também aos homens. Sem uma educação feminista que transforme os homens, as relações de desigualdade não mudarão. Nessa perspectiva se pode pensar a construção da identidade feminista de homens.

2.3 ESTUDOS FEMINISTAS

Com as lutas e conquistas do movimento feminista as mulheres passaram a se incluir gradativamente em espaços e posições no universo masculino, entre os quais a academia, onde parte delas sentiu a necessidade de estudar as condições sociais e as contribuições culturais das mulheres.

Zirbel (2007, p.70), com base em pesquisa sobre as imagens do feminismo no Brasil realizada por Verônica Ferreira (1995/1996), destaca

[...] as contradições presentes no imaginário dos mais diversos grupos em relação às feministas. Descritas como lésbicas/sapatões eram, porém, pouco aceitas entre as lésbicas. A imagem de feia, masculina e mal-amada co-existia com a de “perua” a fim de exibir o corpo e pregar a liberdade sexual, o que, por sua vez, contrastava com a da “intelectual sisuda”, chatíssima e “dona da verdade”.

Os estudos feministas, desenvolvidos por acadêmicas feministas, surgem no sentido de modificar a sociedade e afirmar as mulheres como sujeitos políticos e de conhecimento. Para Zirbel (2007, p.18) esses estudos “questionam os paradigmas das ciências e as definições tradicionais de sociedade, política, público, privado, autonomia, liberdade etc”. Alguns conceitos relacionados ao feminismo se estenderam aos espaços públicos e privados resultando em articulações e transformações, porém em campos conservadores ainda existe uma resistência às feministas, e a mídia reforça essa oposição (ZIRBEL, 2007).

O feminismo tornou como suas marcas a reflexão teórica e militância política construídas pela atuação de mulheres de todas as idades, etnias e camadas sociais. A entrada das feministas na academia ocasionou a criação de grupos de pesquisa engajados na construção de teorias e práticas críticas. Estes grupos buscaram uma concepção inovadora sobre a cultura e conhecimento desse movimento. O processo de institucionalização do feminismo se deu pela participação assídua das feministas acadêmicas (ZIRBEL, 2007). Algumas pioneiras merecem ser lembradas: Rose Marie Muraro, Heloneida Studart e Heleieth Saffioti, que publicaram livros sobre a mulher no final da década de 1960.

Na academia os estudos feministas foram fortalecidos com a formação dos núcleos e grupos de estudos. Blay (2006, p.63) destaca que “a criação dos núcleos de estudos de gênero foi uma estratégia feminista para superar os entraves que as universidades faziam à entrada do tema mulher na academia”.

Esses núcleos e grupos estudos exerceram e exercem uma função de grande relevância para a sociedade, pois são transformadores da cultura machista e patriarcal que ainda estamos vivenciando. Atuam em diversas funções acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão), desenvolvem projetos educativos e de intervenção social em parceria com organizações não governamentais (ONGs), escolas e associações locais, e influenciam e informam as políticas públicas.

Em 2001 a Fundação Perseu Abramo desenvolveu uma Pesquisa Nacional intitulada “A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado”, em que foi entrevistada uma amostra de 2.502 mulheres brasileiras de diferentes faixas etária, zonas (urbana, rural) e níveis de escolaridade. Na entrevista foram feitas as seguintes questões: se é feminista, não é feminista ou não sabe/confunde feminismo. MATOS (2006) faz uma análise desses dados e apresenta que 72,8% das mulheres com nível de escolaridade superior não são feministas, apesar da contribuição desses núcleos e grupos de estudos de gênero. Contudo, cabe reconhecer que essa contribuição é recente.

Para que esses núcleos e grupos sejam mais eficazes em sua ação política, formativa e de produção do conhecimento, surgiram redes que visam congregar e fortalecer esses núcleos e grupos, a exemplo da REDOR.

2.4 A REDOR

Fundada em 1992 a Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR) é uma ONG feminista que objetiva congregar e articular núcleos e grupos de pesquisa, estimulando o desenvolvimento e divulgação dos estudos sobre mulher e relações de gênero no Norte e Nordeste brasileiros, além de capacitar estudosas/os na temática. No ano de sua criação, contava com 9 grupos de pesquisa; atualmente conta com cerca de 35 núcleos e grupos de estudo afiliados e vinculados a IES das duas regiões. O Nordeste apresenta 17 núcleos e 12 grupos e a região Norte apresenta 4 núcleos e 2 grupos (FREITAS e CARVALHO, 2015).

Antes de sua criação cada núcleo ou grupo de estudo realizava isoladamente suas pesquisas, sem conhecimento, muitas vezes, do que estava sendo produzido e publicado nos demais núcleos ou grupos do Norte e Nordeste, independentemente de sua proximidade geográfica. É através da realização periódica de encontros

científicos para discutir pesquisas sobre mulheres e relações de gênero nas regiões que a REDOR promove a interação entre os núcleos e grupos e visibiliza suas pesquisas.

De acordo com Carvalho, Freitas e Silva (2015), ao longo desses mais de vinte anos de existência a rede organizou dezenove encontros junto aos seus núcleos/grupos de estudos. Esses encontros ocorreram nas IES das duas regiões, porém em sua grande maioria no Nordeste, fato justificado pelo maior número de núcleos/grupos, dimensão territorial mais reduzida do que o Norte, maior facilidade e baixo custo de locomoção.

Os núcleos/grupos articulados à rede enfrentam grandes desafios para continuarem ativos e integrados. Carvalho, Freitas e Silva (2015, p. 5) afirmam que:

A sustentabilidade dos núcleos/grupos e da própria rede tem sido um contínuo desafio para suas pesquisadoras, conscientes de que desempenham o importante papel de impulsionar os estudos de gênero, a formação de novas gerações de acadêmicas feministas e a colaboração interuniversitária nas duas regiões.

O primeiro encontro da REDOR foi sediado e organizado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM da Universidade Federal da Bahia – UFBA em 1992. Na Paraíba aconteceram dois encontros sediados pela UFPB em 1994 e em 2012, este último organizado pelo NIPAM. O encontro mais recente, realizado enquanto se desenvolvia a pesquisa, foi o XIX Encontro Internacional da REDOR, sediado e organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre Mulher e Relações de Gênero – NEPING da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Nessa jornada de encontros, a rede tem se constituído num indiscutível incentivo à formação e produção acadêmica e científica sobre o tema das mulheres e relações de gênero, daí sua enorme importância para o desenvolvimento dos estudos feministas nas regiões Norte e Nordeste.

No âmbito da REDOR, há apenas um núcleo formado por homens acadêmicos feministas, dedicado aos estudos dos homens e masculinidades: o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA, da Universidade Federal de Pernambuco, criado em 1998, por integrantes da ONG Instituto PAPAI.

3. ESTUDOS DOS HOMENS E MASCULINIDADES

Anteriormente muitos trabalhos se autodenominavam como estudos de gênero, quando na realidade se restringiam às pesquisas sobre a mulher e a condição feminina, deixando lacunas com relação a análises inter e intra gêneros. Os estudos sobre homens e masculinidades ganham impulso a partir da maturação dos estudos de gênero. Inicialmente só era possível aprofundar tais estudos através da literatura anglo-saxônica ou americana, os chamados *men's studies* (UNBEHAUM, 1998; HEILBORN E CARRARA, 1998).

No Brasil acredita-se que o interesse nos estudos sobre homens e masculinidades surge através de uma agenda política internacional em parceria com temas da moda nas ciências sociais. Os homens passam a ser pesquisados no início da década de 1990, em meio a grandes conferências internacionais onde se discutiam direitos das mulheres, nascendo a necessidade da inclusão dos homens nas políticas voltadas à equidade de gênero. Tais conferências iam além dos interesses das mulheres, pois também tratavam de temas relacionados aos direitos humanos, população, meio ambiente e controle da difusão da epidemia de HIV/Aids. Este último enfocava necessariamente ações sobre os homens, surgindo o empenho em financiamento de pesquisas e intervenções em prol da população masculina (HEILBORN E CARRARA, 1998).

Segundo Connell (1997, p.32 citado por RIBEIRO e SIQUEIRA, 2005, p.1), “a masculinidade só existe em contraste com a feminilidade”. Esse contraste é explicado por Silva (2008) através do conceito de representação, numa perspectiva pós-estruturalista. O autor considera a representação “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (2008, p.91). A representação é o canal pelo qual a identidade e a diferença vinculam-se a sistemas de poder, os quais, através da representação, definem e determinam as identidades.

Ribeiro e Siqueira (2005, p. 2) ressaltam que o termo (masculinidade) deve ser tratado no plural:

O uso do termo no plural – masculinidades – deve-se ao rompimento deflagrado pelos estudos de gênero com a ideia da divisão biológica da humanidade entre macho e fêmea que permitiu-nos pensar que existe mais de uma maneira de ser masculino e feminino.

Pesquisadores/as dos estudos de gênero utilizam dois termos para definir as masculinidades ocidentais: a masculinidade hegemônica ou dominante, referente à posição dos homens brancos, ocidentais e heterossexuais, definida pela capacidade para o trabalho, força física e potência sexual; e a masculinidade subalterna ou marginal, referente aos homossexuais e homens que não se encaixam no modelo hegemônico (RIBEIRO e SIQUEIRA, 2005). Os estudos de gênero sugerem também que se analisem as diferentes hierarquias sociais de gênero, classe, raça e idade (HEILBORN E CARRARA, 1998).

Os estudos e pesquisas dos homens e masculinidades ainda precisam ser mais socializados. Nos últimos dez anos de Reuniões da ANPED, no GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação, só encontramos doze trabalhos que focalizavam esses sujeitos. Na Revista Estudos Feministas, no período de 2013 até meados de 2016, foram encontrados oito artigos, sendo sete publicados em um mesmo número, além de seis resenhas nos demais anos. Na Revista Brasileira de Educação analisada, nesse mesmo período, não foi encontrado nenhum texto; quando era detectado algum título que sugeria que os homens eram sujeitos da pesquisa, logo que se abriam os resumos verificava-se que o texto tratava de ambos os sexos, portanto a revista faz uso da linguagem sexista, desconhecendo a crítica feminista.

Cabe registrar que seria interessante o mapeamento desses estudos nas Reuniões da REDOR, porém não foi possível por dificuldades de acesso aos sites dos eventos e/ou anais impressos.

3.1 PIONEIRISMO DOS ESTUDOS FEMINISTAS DOS HOMENS NO NORDESTE

Foi no prefácio do livro *“PRODUZINDO MEMÓRIAS PARA ALIMENTAR UTOPIAS: Narrativas sobre uma organização feminista brasileira que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades”*, que encontramos menção a uma das impulsionadoras dos estudos feministas dos homens no Nordeste: a pesquisadora e militante feminista Fúlvia Rosemberg, falecida em 2014. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), ela orientou o professor Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca e foi professora do professor Benedito Medrado Dantas, os quais fundaram a ONG Instituto PAPAI e o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA/UFPE. Através dela, conheceram a Fundação Carlos Chagas, onde encontraram textos que definiram seus objetos de

estudo na Pós-Graduação, e a Organização Não-Governamental ECOS – Comunicação em Sexualidade, onde depararam-se com pesquisadores/as dispostos/as a mudar as relações sociais de sexo e gênero.

Fúlvia Rosemberg os incentivou a fundar o Instituto PAPAI, em 1997, e o GEMA em 1998, contextos nos quais continuaram desenvolvendo pesquisas e intervenções políticas sobre os homens e masculinidades na perspectiva feminista de gênero. Segundo MEDRADO e LYRA (2014, p. 9):

Ela elaborou conosco o projeto e desenhou as principais linhas de ação, que envolviam, já em seu primeiro esboço, a tríade ensino, pesquisa e extensão. Essa tríade tinha como inspiração os Núcleos Universitários de Estudos sobre a Mulher da década de 1980. Fúlvia nos indicou pessoas de contato. Nos ajudou a escolher o nome da instituição (segundo ela o ideal seria uma sigla que fosse também um substantivo) e a pensar a ideia do boneco gigante de Olinda como dispositivo cultural que poderia promover a visibilidade de cenas de cuidado promovidas por homens. Até a viagem feita de São Paulo a Recife para articular parcerias foi paga com suas milhas.

No ano de 1997, Fúlvia Rosemberg ajudou a idealizar e apresentar o primeiro projeto do Instituto PAPAI ao edital da Fundação Mac Arthur. Ela também definiu junto a Jorge e Benedito o princípio ético norteador que deveriam seguir: o “cuidado”, que geralmente está relacionado e é imposto às mulheres (e não aos homens) mais como obrigação e menos como direito. Assim pode-se afirmar que ela impulsionou e influenciou esses estudos feministas dos homens e masculinidades no Nordeste, tanto intelectualmente como financeiramente, apoiando a busca de recursos.

O Instituto PAPAI e o GEMA têm várias parcerias, entre as quais a REDOR, desde 1999, quando Jorge e Benedito participaram do 9º Encontro da rede, em Fortaleza. Porém suas participações na rede tornaram-se, de fato, mais ativas a partir de 2000, quando Jorge assumiu a co-coordenação do GT “Gênero e saúde” da REDOR; e em 2005, quando Benedito Medrado integrou a coordenação nacional da rede (gestão 2006-2008), junto com Gema Galgani e Celecina Veras (UFC), Ana Alice Costa (UFBA) e Laura Duque Arrazola (UFRPE).

A seguir apresenta-se um breve histórico (fundação, produção e parcerias) do Instituto PAPAI e do GEMA, instituições que me interessam neste trabalho.

3.1.1 Instituto PAPAI

De acordo com o site (<http://institutoInstitutoPAPAI.blogspot.com.br>) o Instituto PAPAI foi fundado em 1997, a partir de uma iniciativa pioneira na América Latina. Surge com a proposta da reflexão sobre a invisibilidade da experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e no cuidado com as crianças. Tem uma equipe pedagógica e administrativa composta por homens e mulheres, profissionais e estagiários/as com formação em Ciências Humanas, Sociais e Saúde Pública, a maioria com pós-graduação. A instituição teve como base o modelo dos núcleos acadêmicos de estudos sobre a mulher e relações de gênero.

Ao longo dos anos, o Instituto PAPAI vem expandindo suas ações, produzindo conhecimentos, estabelecendo parcerias, integrando redes e articulações, concretizando produtos e processos. Sua missão é a promoção da cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, a eliminação de desigualdades e a afirmação e valorização da diversidade a partir da perspectiva feminista de gênero, atuando prioritariamente com homens e sobre masculinidades, contra todas as expressões do machismo.

Atua principalmente no campo da saúde pública, nos diversos contextos de socialização e educação, e em instâncias de controle social. Tem trabalhado com vistas a romper barreiras individuais, simbólicas, culturais e institucionais que criam obstáculos a uma maior participação masculina no contexto dos direitos sexuais e reprodutivos e impedem uma transformação simbólica, política e prática mais profunda da masculinidade. O principal parceiro do Instituto PAPAI no desenvolvimento de projetos e campanhas tem sido o GEMA/UFPE.

Na sua trajetória o Instituto PAPAI recebeu diversos Prêmios e Homenagens em reconhecimento ao trabalho desenvolvido. Implementou projetos relacionados a reprodução, paternidade, diversidade sexual, saúde e violência de gênero, financiados por diversas instituições como o Promundo, a Universidade Federal de Pernambuco, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), o Governo do Estado de Pernambuco, o Governo Federal, a Bernard Van Leer Foundation, a Childhood Brasil (que faz parte da World Childhood Foundation), e o Governo dos Estados Unidos da América. Entre as parcerias e projetos, destacam-se: Fórum LGBT de Pernambuco; Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos; Universidade Livre Feminista; Diálogos Suape; campanhas contra

o machismo (Machismo não combina com Saúde; Campanha do Laço Branco: “Homens pelo fim da Violência contra Mulher”), em prol da paternidade (Paternidade: Desejos, Direito e Compromisso; Pai não é visita! Pelo direito de ser acompanhante; Dá licença, que sou pai!), e a favor da diversidade sexual (A diversidade é legal!; Unindo atitudes; Amor livre!).

No site do Instituto PAPAI encontra-se um acervo de suas produções (de seus/as integrantes e parceiros) como cartilhas, teses, dissertações sobre paternidade, direitos reprodutivos, diversidade sexual, saúde dos homens e violência contra mulher.

3.1.2 GEMA

O Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA/UFPE foi cadastrado no CNPq em 1998. Sua criação foi inspirada no Grupo de Estudos sobre Masculinidade e Paternidade (Gesmap) da ECOS/SP, do qual participaram seus fundadores, Benedito Medrado e Jorge Lyra, com formação em Psicologia Clínica, Psicologia Social e Saúde Pública. Foi pensado como um ambiente de diálogos sistemáticos dos profissionais que integravam o Instituto PAPAI com outros/as pesquisadores/as vinculados à UFPE (e outras universidades) e ativistas no campo do feminismo e direitos humanos.

Desde 2005, o GEMA está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Conta com uma equipe de pesquisadores/as, doutorandos/as, mestrandos/as e graduandos/as e tem diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão, que visam promover a equidade de gênero no contexto da saúde e direitos sexuais e reprodutivos. Suas linhas de pesquisa, de acordo com o blog, são: processos psicossociais, poder e práticas coletivas; produção de sentidos em saúde; homens, masculinidades e contextos sociais; estudos e políticas feministas (<http://gema-ufpe.blogspot.com.br/p/sobre-o-gema.html>).

Tem como parceiros o Instituto PAPAI, Promundo, Instituto Nacional Fernandes Figueira, ECOS – Comunicação em Sexualidade, Instituto NOOS, MenEngage e a REDOR. Desenvolve diversas atividades de pesquisa, oferece cursos de extensão, oficinas sócio-educativas direcionadas à comunidade em geral, e organiza e participa de eventos.

3.1.3 Os principais protagonistas

Como se viu, a criação do PAPAI, uma ONG, e do GEMA, um núcleo de estudos acadêmicos, teve como principais responsáveis Benedito Medrado e Jorge Lyra. Ao longo de suas trajetórias formativas, eles criam o PAPAI num primeiro momento, e posteriormente, ao ingressarem nos quadros docentes da Universidade Federal de Pernambuco, criam o GEMA. Assim, articulam militância, no campo dos movimentos sociais, à realização de projetos sociais consequentes, no âmbito da ONG, e finalmente à formação e pesquisa, no âmbito acadêmico.

A seguir apresenta-se a trajetória acadêmica de Jorge Lyra. Foram realizadas análise do seu Currículo Lattes e uma entrevista via e-mail em meados do ano de 2015.

4. TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UM FEMINISTA

Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca nasceu em 1968 em São Paulo-SP, filho de mãe baiana e pai alagoano. Mudou-se para Recife-PE no ano de 1976, pois seu pai, numa oportunidade de transferência na empresa em que trabalhava, viu a possibilidade de ficar mais próximo de seu estado de origem.

Ingressou na Universidade Federal de Pernambuco em 1990 e graduou-se, em 1993, em Psicologia Social e Formação de Psicólogo, com experiência em Psicologia Clínica, Psicoterapia Infantil de base analítica (freudo-lacanianana). Foi exatamente no ano de sua conclusão, quando fazia atendimento psicoterapêutico junto a crianças (meninos e meninas), que surgiu uma inquietação com relação a alguns homens/pais no cuidado com seus/suas filhos/as. Assim, vai tomando conhecimento de casos em que homens jovens de seu cotidiano (amigos ou conhecidos) resolveram assumir a paternidade, sem terem uma relação estável com a mãe de seus/suas filhos/as. Em 1994, Jorge decide transformar essas histórias em material de pesquisa, desenvolvendo o “primeiro estudo sobre a paternidade na adolescência, a partir do debate sobre família e identidade” (LYRA, 2008, p.23). Pode-se inferir que foi nesse momento que iniciou-se sua formação da identidade feminista.

Esse primeiro estudo de Jorge colaborou na formulação de seu projeto para o mestrado em Psicologia Social, que inicia em 1995 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Em 1997 apresenta sua dissertação intitulada *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Teve como orientadora a pesquisadora feminista Fúlvia Rosemberg, que lhe apresentou os estudos feministas e o incentivou, junto a Benedito Medrado, seu colega de Recife, a prosseguir com os estudos feministas dos homens.

Durante o mestrado, Jorge tornou-se membro do Grupo de Estudos sobre Sexualidade Masculina e Paternidade (GESMAP) da Ong ECOS. Lá desenvolvia atividades com profissionais vinculados a diferentes instituições, que estavam, na época, iniciando trabalhos com a população masculina, voltados a temas relacionados ao campo da saúde e relações de gênero, sexualidade e reprodução, especialmente entre jovens.

Ainda em 1997, Jorge Lyra torna-se professor substituto na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, no mesmo ano, com o apoio de Fúlvia

Rosemberg, Jorge e Benedito escrevem um projeto e apresentam ao edital da Fundação MacArthur. Segundo Medrado e Lyra (2014, p.17), nasceu

[...] o Programa de Apoio ao Pai, tendo como foco de interesse a paternidade na adolescência e como missão trazer para primeiro plano de discussão a importância da participação jovem e masculina no campo da saúde, sexualidade e reprodução, a partir do desenvolvimento de atividades de pesquisa e ação política interventiva.

O projeto teve o apoio financeiro da Fundação MacArthur, que disponibilizou uma bolsa individual a Jorge. Era uma iniciativa pioneira na América Latina e que deu origem ao Instituto PAPAI. Em 1998, junto com o Instituto PAPAI e em parceria com o Departamento de Psicologia da UFPE e o colega Benedito Medrado, Jorge fundou e cadastrou no CNPq o grupo de estudos Gênero e Masculinidades, sendo atualmente líder.

Jorge afirma que, desde 1997, mantinha a conexão com a UFPE através de parcerias, oferta de estágios, entre outras atividades. Em 1999, acaba seu tempo como professor substituto, mas seu vínculo com a UFPE continua.

Em 2004, Jorge inicia um doutorado na Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ e torna-se doutor em Saúde Pública em 2008 com tese denominada *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)*. No ano de 2011 passa no concurso para professor de Psicologia Social no Departamento de Psicologia da UFPE, onde exerce a função até os dias atuais.

Além de líder do grupo de pesquisas do CNPq, vinculado ao Gema/UFPE, Jorge Lyra é coordenador do Grupo de Trabalho sobre Gênero e Saúde na REDOR. Integra o Grupo de Trabalho Psicologia e Estudos de Gênero da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia - ANPEPP; o Grupo de Trabalho em Gênero e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva - ABRASCO; o GT sobre Fecundidade, Comportamento Sexual e Reprodutivo da Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP; e o Comitê consultivo/BVS-Adolec/Bireme-OMS/OPAS do Ministério da Saúde. Concentra sua atuação nas áreas das Ciências Humanas e Saúde; Psicologia (Psicologia Social); Saúde Coletiva (Saúde Pública, Gestão e Políticas de Saúde); e Antropologia

(Antropologia Urbana). Ganhou diversos prêmios em âmbito estadual, nacional e internacional em reconhecimento ao seu trabalho.

No seu Currículo Lattes, atualizado pela última vez em 28 de março de 2016, encontra-se uma vasta produção: projetos de pesquisas desde 1997 (18 coordenados por ele) e projetos de extensão e desenvolvimento (quatro), financiados pela UFPE, Fundação MacArthur, CNPq, CAPES, Fundação Ford, Ministério da Saúde, entre outras agências. Desde 2013, Jorge é membro do corpo editorial dos periódicos *Feminismos* e *Revista Conexões Psi*, e revisor de 19 periódicos desde 2007, entre eles a *Revista Estudos Feministas*, *Bagoas: Revista de Estudos Gays* e *Cadernos Pagu*.

De 2000 a 2014 publicou treze artigos em periódicos acadêmicos, a maioria em colaboração. Organizou e publicou oito livros de circulação nacional, além de capítulos de livros. Também tem publicado textos em anais de congresso e em jornais e revistas (divulgação científica). Seu principal parceiro nessas produções é o professor Benedito Medrado.

Em 2012 ingressou na Pós-Graduação, tendo três dissertações de mestrado concluídas sob sua orientação em 2015 e 2016, no Mestrado em Psicologia e dissertações em andamento no mestrado acadêmico e no Mestrado Profissional em Psicologia. Coorientou duas teses de doutorado, uma em Serviço Social na UFPE (2011) e outra no Doctorado em Género y Políticas de Igualdad na Universitat de València (2013). Tem duas orientações de tese em andamento no doutorado em Psicologia.

Jorge considera-se um homem feminista, pois acredita no feminismo como projeto de sociedade:

Sim, sou um homem feminista, pois entendo o feminismo como um projeto de sociedade, como uma proposta de relações sociais entre as pessoas. Neste sentido, não considero que o feminismo seja algo apenas das mulheres, mesmo que reconheça, e faço questão disso: de reconhecer que a autoria das reflexões críticas que fazemos com e sobre os homens e as masculinidades foi em função das proposições de transformação da condição feminina realizadas pelo movimento de mulheres e pelo movimento feminista. Ou seja, as discussões e propostas de ação que fazemos não tiveram origem em ações feitas pelos homens. Com exceção do debate sobre sexualidade proposto pelos homens homossexuais, nós não temos exemplos de articulação de homens tentando

transformar sua condição de existência, transformar a nossa cultura machista, patriarcal e conservadora. Por isto que faço questão de reconhecer e de me nomear que sou sim feminista e quando digo isso também não estou negando o processo e a legitimidade do sujeito político do feminismo que são as mulheres, mas considero que sim é possível de pensarmos em conjunto, homens e mulheres, o que significa ser feminista e de fazer proposições feministas. (Jorge Lyra, entrevista, 2015)

Morais (2016, p. 46) lembra que no movimento feminista existem várias identidades e que essas são autoconstruídas e coletivas. A identidade feminista foi construída em oposição a uma identidade sexista/machista e às normas e valores androcêntricos, aos privilégios masculinos. Contudo, existem homens que reconhecem e valorizam as lutas das mulheres contra as desigualdades de gênero.

Jorge reconhece o protagonismo das mulheres na teorização feminista e que os estudos dos homens e das masculinidades partiram dessa teorização. Reconhece que o sujeito político do feminismo são as mulheres, mas considera que os homens podem junto com elas pensar criticamente sobre as relações sociais e fazer proposições feministas, isto é, que interessem às mulheres. Ele pensa que esse projeto de sociedade apresentado pelo feminismo interessa a todos/as e que essa construção coletiva deve ser feita pelos homens também. E é isso que ele tem feito em sua militância dentro e fora da universidade.

Nesse contexto surge a questão da aceitação desses homens pelo movimento feminista, na academia e na sociedade. Perguntou-se a Jorge Lyra se na sua experiência, dentro e fora da academia, encontrou dificuldades, resistências, preconceitos e discriminação com relação ao seu engajamento nos estudos de gênero e/ou estudos LGBT?

Jorge fala que sua “*aproximação com o movimento feminista nem sempre foi tranquila*”. Na REDOR, em diversas ocasiões, “*direta ou indiretamente, era motivo de desconforto quando nossos nomes eram sugeridos para ocupar algum lugar de representação da rede*”. Porém Jorge deixa claro que essa questão não se dava apenas na REDOR. Em outros contextos aconteceram questionamentos sobre sua participação, a exemplo de uma Conferência Municipal das Mulheres de Recife.

As situações em que havia resistência eram exatamente aquelas em que alguém, por algum motivo, achava que naquele espaço ou evento específico não deveriam estar

homens, dado que era um espaço de fortalecimento do sujeito político “mulher”. (Jorge Lyra, 2015)

Com efeito, nem todas as vertentes feministas acolhem os homens que desejam lutar pela equidade de gênero. De acordo com alguns blogs e sites feministas (<http://blogueirasfeministas.com/2013/04/homens-pro-feministas-aliados-nao-protagonistas/> <http://www.naomekahlo.com/#!/Homens-podem-ser-feministas/c1a1n/55935c3e0cf2c7ea473b64fd>), os homens podem ser pró-feministas e apoiar o movimento feminista, mas não protagonizar. O argumento é eles não sentem o preconceito, a violência e a discriminação enfrentadas pelas mulheres. Mas também existe uma parte do movimento que apoia a entrada desses homens, pois acredita que eles podem fortalecer o movimento e contribuir para mudar as relações de gênero, já que estão inseridos nelas, desde que abram mão dos privilégios masculinos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se apresentar o feminismo, considerado um movimento social, teórico e político que visa a libertação das mulheres e a transformação da cultura patriarcal, machista e conservadora, na qual as mulheres são sujeitos subalternos. Como movimento teórico, é na segunda onda que surgem as diversas vertentes do feminismo, com suas agendas políticas de reivindicação e sujeitos específicos, dentre os diversos grupos de mulheres. Os estudos feministas dos homens constituem uma das vertentes emergente na década de 1990.

Lentamente, o feminismo ganha espaço na academia e nascem os núcleos e grupos de estudos de gênero, e, posteriormente as redes, como a REDOR, visando articular esses estudos. Nesse contexto, surgem em Recife uma Ong e um núcleo de estudos pioneiros no estudo dos homens e das masculinidades: o Instituto PAPAI e o GEMA da UFPE. Um dos seus fundadores, o Prof. Jorge Lyra, ilustra a identidade feminista de homens comprometidos com a superação das desigualdades de gênero.

Na entrevista analisada, ele afirma ser um homem feminista. Sua identidade feminista é construída através de seu engajamento em projetos cujo público-alvo eram homens jovens que cuidavam dos/as filhos/s e depois no mestrado e doutorado, em que aprofunda seus estudos sobre homens e masculinidades, na perspectiva feminista. Assim, fortalece sua crença de que o feminismo é um projeto coletivo, no qual todas e todos, inclusive os homens, lutam pelos mesmos interesses.

É importante a participação de homens que refletem sobre os direitos das mulheres e se engajam na luta pela transformação da cultura patriarcal, machista e conservadora que vivenciamos. Vale salientar que ainda conta-se com um pequeno contingente de homens nessa luta.

Recentemente surgem campanhas que convidam os homens a lutar para modificar as práticas machistas e violentas, a exemplo da Campanha ElesPorElas (HeForShe), criada em 2014 pela ONU Mulheres, a entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. Trata-se de uma campanha global visando envolver homens e meninos para extinção dos obstáculos sociais e culturais que impedem as mulheres de atingir seu potencial, e ajudar

homens e mulheres a juntos criarem uma nova sociedade. A ONU Mulheres ainda destaca que:

O alcance da igualdade de gênero requer uma abordagem inclusiva, que reconheça o papel fundamental de homens e meninos como parceiros dos direitos das mulheres e detentores de necessidades próprias baseadas na obtenção deste equilíbrio. O movimento ElesPorElas (HeForShe) convoca homens e meninos como parceiros igualitários na elaboração e implementação de uma visão comum da igualdade de gênero que beneficiará toda a humanidade. (ONU Mulheres, <http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>)

A Campanha ElesPorElas busca o compromisso de um bilhão de homens de apoiar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, através da adoção de medidas específicas que contribuam para a mudança social (sem atitudes e comportamentos machistas). De acordo com a ONU Mulheres, a voz dos homens exerce poder para se propagar em todo o mundo que a igualdade para todas as mulheres e meninas é uma causa de toda a humanidade.

A chegada desses novos integrantes no movimento feminista é de suma importância, pois ocorre a mudança no cenário patriarcal quando os homens saem da posição de opressores das mulheres e passam a lutar em prol delas; quando aproveitam suas posições de influência e seus cargos altos na mudança e criação de políticas públicas de equidade de gênero; quando assumem a disposição de abrir mão de seus privilégios e lutar pela mudança da cultura androcêntrica.

Este trabalho apresentou grande relevância para minha formação como pedagoga, visto que entendo a construção de identidade feminista de homens como um processo que deve ser iniciado com os meninos desde crianças, visando modificar comportamentos, atitudes e valores machistas, naturalizados na sociedade patriarcal e androcêntrica que ainda subsiste. Enquanto educadora devo estimular a reflexão e o respeito às diversidades culturais, sociais, religiosas, étnicas, físicas, geracionais, bem como de gênero e sexualidade, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e entendendo que a mudança só é possível quando todas e todos se envolvem. Assim, considerando o conceito de relações de gênero, para mudar a assimetria e erradicar a dominação, é preciso estudar e trabalhar pedagogicamente a construção das masculinidades, a partir das contribuições da teorização feminista.

REFERÊNCIAS:

BLAY, EVA ALTERMAN. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 601-607, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200016>.

_____. Núcleos de estudos da Mulher X Academia. In: Brasil/SPM. **Pensando gênero e ciência**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas. 2005/2006.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Homens (pró) feminista: aliados, não protagonista**. Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2013/04/homens-pro-feministas-aliados-nao-protagonistas/>>. Acesso em: 28 abril 2016.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Trajetórias e contribuições dos Núcleos de Estudos da Mulher e Relações de Gênero integrantes da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero – REDOR: do pessoal ao institucional**. Relatório do Projeto CNPq/UFPB. 2015. (a)

_____. **Relações de gênero e violências na escola: da compreensão à superação**. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org). Marília : Oficina Universitária ; SãoPaulo : Cultura Acadêmica, 2015. p. 225-246. (b)

_____; FREITAS, Mayanne Júlia Tomaz Freitas; SILVA, Karina Ingredy Leite da. Origens e desafios dos núcleos de estudos de gênero na educação superior no Norte e Nordeste do Brasil. In: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2015, Florianópolis. **Anais**. Disponível em: < <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-3761.pdf>>

_____; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual**: Um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009. 56p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999

FEMINISMO LIBERAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo_liberal&oldid=45468172>. Acesso em: 26 maio 2016.

FEMINISMO MARXISTA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo_marxista&oldid=45305599>. Acesso em: 26 maio 2016.

FEMINISMO SOCIALISTA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo_socialista&oldid=44369247>. Acesso em: 26 maio 2016.

FEMINISMO RADICAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo_radical&oldid=44753428>. Acesso em: 26 maio 2016.

FEMINISMO LÉSBICO. In: WIKIPÉDIA, la enciclopedia libre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo_radical&oldid=44753428>. Acesso em: 26 maio 2016.

FITTIPALDI, Mariana. O Movimento Feminista: modernidade, identidade e a mulher. **Direito, Estado e Sociedade** - v.9 - n.27 - p. 134 a 146 - jul/dez 2005. Disponível em: <<http://www.jur.puc-rio.br/revistades/index.php/revistades/article/view/312/284>>. Acesso em: 04 abril 2016.

FREITAS, Mayanne Júlia Tomaz. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Trajetória dos núcleos de estudos da mulher e relações de gênero integrantes da REDOR. **Revista Espaço do Currículo**. Vol.8, N.2, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.270279/14122>> Acesso em: 01 junho 2016. <http://dx.doi.org/10.15687/rec.v8i2.25812>

GAVRON, Sarah; OWEN, Alison; WARD, Faye; SEHAMUS, James; ROSS, Tessa. **As Sufragistas**. [Filme]. Direção de Sarah Garvon, produção de Alison Owen; Faye Ward; James Sehamus e Tessa Ross. Reino Unido. Distribuidora Universal Pictures. 107 min.

GEMA. Disponível em: < <http://gema-ufpe.blogspot.com.br/> > . Acesso em: 01 março 2016.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em cena os homens.... **Revista Estudos Feministas**, v.6, n.2, p. 370-374, 1998.

INSTITUTO PAPAI. Disponível em:< <http://InstitutoPAPAI.blogspot.com.br/p/sobre-o-grupo.html>>. Acesso em: 01 junho 2016.

LORBER, Judith. **Gender inequality: Feminist theories and politics**. 4 ed. New York: Oxford University Press, 2010.326 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179p.

LYRA, Jorge. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)**. 2008. 263f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz; 2008

MATOS, Marlise. A institucionalização do feminismo no Brasil. Os núcleos de estudos de relações de gênero e o feminismo como produtores de conhecimento: A experiência da REDEFEM. In: Brasil/SPM. **Pensando gênero e ciência**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas, 2005/2006.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Produzindo memórias para alimentar utopias: Narrativas sobre uma organização feminista brasileira que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades**. Recife: Instituto PAPAI, 2014. 196 p.

MORAIS, Adenilda Bertoldo Alves de. **Institucionalização dos Estudos de Gênero na Ufma: Uma análise da identidade feminista a partir da narrativa de vida.** 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2016.

NÃO ME KAHLO. **Homens podem ser feministas?**. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/#!Homens-podem-ser-feministas/c1a1n/55935c3e0cf2c7ea473b64fd>>. Acesso em: 28 abril 2016.

ONU MULHERES. **ElesPorElas**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>>. Acesso em: 05 maio 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.

RIBEIRO, Claudia Regina Santos; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas populares. In: 28^a REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2005, Caxambu. **Anais**. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/?_ga=1.7852530.1332736477.1443753199>. Acesso em: 05 abril 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.73-102.

UNBERHAUM, Sandra G. A masculinidade em foco. **Revista Estudos Feministas**, v.6, n.2, p.473-477,1998.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um debate.** 2007. 212f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 abril 2016.

APÊNDICE A – Mapeamento GT23 da ANPED

GT 23 - GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO (O GT SURGE NA REUNIÃO 27)				
REUNIÃO	ANO	TÍTULOS	AUTORAS/ES	LINKS
27ª	2004	MASCULINIDADES E FEMINILIDADES: IMPLICAÇÕES PARA O FRACASSO/SUCESSO ESCOLAR DE MENINOS E MENINAS NAS SÉRIES INICIAIS	BRITO, Rosemeire dos Santos	http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t2310.pdf
		HISTÓRIA DO MAGISTÉRIO: EXPERIÊNCIAS MASCULINAS NA CARREIRA ADMINISTRATIVA NO ESTADO DE SÃO PAULO (1950-1980)	PINCINATO, Daiane Antunes Vieira	http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t232.pdf
28ª	2005	CONSTRUINDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: ACOMODAÇÕES E RESISTÊNCIAS A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DE PERSONAGENS DE NOVELAS POR ADOLESCENTES DAS CAMADAS POPULARES	RIBEIRO, Claudia Regina Santos SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de	http://28reuniao.anped.org.br/?_ga=1.83260502.1332736477.1443753199
		DESEMPENHO DAS MULHERES NO INDICADOR NACIONAL DE ALFABETISMO FUNCIONAL - 2001: EXPLORANDO AS DIFERENÇAS NA COMPARAÇÃO COM OS HOMENS (Pôster)	ARTES, Amélia Cristina Abreu	http://28reuniao.anped.org.br/?_ga=1.83260502.1332736477.1443753199
29ª	2006	-	-	-
30ª	2007	HOMENS FORA DE LUGAR? A IDENTIDADE DE PROFESSORES HOMENS NA DOCÊNCIA COM CRIANÇAS QUANDO O ESTRANHO É O PROFESSOR: NARRATIVAS SOBRE SEXUALIDADE E O CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (TEXTO NÃO FALA EXATAMENTE DE HOMENS PROFESSORES)	CARDOSO, Frederico Assis	http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf
			SILVA, Mirian Pacheco	http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3718--Int.pdf
31ª	2008	-	-	-
32ª	2009	UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL	BANDEIRA, Gustavo Andrada	http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5384--Int.pdf
33ª	2010	O BAILARINO SELF-MADE: TRAJETÓRIAS DO MASCULINO NA DANÇA	ANDREOLI, Giuliano Souza	http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6439--Int.pdf
		CORPOREIDADES MASCULINAS NÔMADES: O ESPAÇO DA DOCÊNCIA COMO HETEROTOPIA	ROSA, Rogério Machado	http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6642--Int.pdf
		A VISÃO ANDROCÊNTRICA DO MUNDO: ELEMENTO FACILITADOR PARA O ACESSO DOS HOMENS ÀS FUNÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR	CORREA, Vanisse Simone Alves	http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6905--Int.pdf
34ª	2011	O DELÍRIO DO CORPO: DERIVAS DAS MASCULINIDADES	MACHADO, Rogério LIMA, Rosa Patricia de Moraes	http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-88%20int.pdf
		DISTINTAS MASCULINIDADES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	MENEZES, Cristiane Souza de	http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-171%20int.pdf
		GÊNERO, RAÇA, JUVENTUDE E FRACASSO ESCOLAR: MASCULINIDADES NAS NARRATIVAS JUVENIS	BRITO, Rosemeire dos Santos	http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-599%20int.pdf

35 ^a	2012	ADOLESCENTES VIOLENTOS? QUE DISCURSO É ESSE? PRÁTICAS DISCURSIVAS E CONSTITUIÇÃO DO MASCULINO NA PERIFERIA	RITTI, Rosalinda Carneiro de Oliveira	http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1454_int.pdf
		UM BOM LUGAR: CONSTITUIÇÃO DE MASCULINIDADES JUVENIS NA PERIFERIA URBANA	DAMICO, José Geraldo Soares	http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2344_int.pdf
36 ^a	2013	TRAJETÓRIAS NA DOCÊNCIA: PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	MONTEIRO, Mariana Kubilius	http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/qt23_trabalhos_pdfs/qt23_2689_texto.pdf
			ALTMANN, Helena	
37 ^a	2015	-	-	-

APÊNDICE B - Mapeamento da Revista Brasileira de Educação

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO						
ANO	VOLUME	NÚMERO	SESSÃO	TÍTULO	AUTORES/AS	LINKS
2013	18	52	ARTIGO	Efeito pai professor: o impacto da profissão docente na vida escolar dos filhos	MARLICE DE OLIVEIRA E NOGUEIRA	http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1413-24782013000100005&pid=S1413-24782013000100005&pdf_path=rbedu/v18n52/05.pdf&lang=pt
2013	18	53	ARTIGO	Controlar ou avaliar o trabalho docente? Estratégias dos diretores numa organização escolar híbrida	ANNE BARRÈRE	http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n53/03.pdf
2013	18	54	-	-	-	-
2013	18	55	-	-	-	-
2014	19	56	-	-	-	-
2014	19	57	-	-	-	-
2014	19	58	-	-	-	-
2014	19	59	-	-	-	-
2015	20	60	-	-	-	-
2015	20	61	-	-	-	-
2015	20	62	-	-	-	-
2015	20	63	-	-	-	-
2016	21	64	-	-	-	-
2016	21	65	-	-	-	-

APÊNDICE C - Mapeamento da Revista Estudos Feministas

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS						
ANO	VOLUME	NÚMERO	SESSÃO	TÍTULO	AUTORES/AS	LINKS
2013	21	1	ARTIGOS TEMÁTICOS	Masculinidades, diferenças, hegemonias	Mara Coelho de Souza Lago, Cristina Scheibe Wolff	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100013
				Masculinidade hegemônica: repensando o conceito	Robert W. Connell, James W. Messerschmidt	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014
				Connel y el concepto de masculinidades hegemónicas: notas críticas desde la obra de Pierre Bourdieu	Mônica De Martino Bermúdez	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100015
				Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line	Richard Miskolci	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100016
				O assassinato de um homossexual diante de um tribunal da Capital da República em meados do século XX	Rivail Carvalho Rolim, Fabiana Cardoso Malha Rodrigues	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100017
				Não contar a ninguém ou contar a todo mundo? Colapsos da masculinidade em No se lo digas a nadie	Anselmo Peres Alós	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100018
				Algunas reflexiones sobre el estudio de los hombres desde el feminismo y desde los derechos humanos	Juan-Guillermo Figueroa-Perea	http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/19.pdf
2013	21	2	-	-	-	-
2013	21	3	-	-	-	-

2014	22	1	RESENHA	Masculinidades subversivas nos romances de Manuel Puig, Caio Fernando Abreu e Jaime Bayly	Bárbara Loureiro Andreta	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000100021
2014	22	2	RESENHA	Masculinidades e ressignificações	Anelise R. Corseuil	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000200021
2014	22	3	RESENHA	(Des)Fazendo-se homem	Elias Ferreira Veras	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300021
2015	23	1	-	-	-	-
2015	23	2	-	-	-	-
2015	23	3	ARTIGO	Escolarizando homens negros	Bell Hooks	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000300677
			RESENHA	Masculinidades críticas e a proposição analítica e relacional nas contemporâneas discussões de gênero	Fabiane Aguiar Silva	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000301026
2016	24	1	-	-	-	-
2016	24	2	RESENHA	Transhomens: masculinidades, políticas e vivências	Isabel Wittmann	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000200661
			RESENHA	Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola	Neil Franco	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000200665

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a)

Esta pesquisa é sobre **Institucionalização dos estudos de gênero nas IES brasileiras do Norte e Nordeste** e está sendo desenvolvida pela bolsista de iniciação científica **Mayanne Júlia Tomaz Freitas**, aluna do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. **Maria Eulina Pessoa de Carvalho**.

Os objetivos do estudo são conhecer a história do núcleo/grupo e perspectivas futuras, e analisar como vêm desenvolvendo suas investigações a partir de depoimentos das/os fundadoras/es e atuais dirigentes, a serem coletados por internet e entrevistas. A finalidade deste trabalho é contribuir para visibilizar os estudos de gênero nas duas regiões.

Solicitamos a sua colaboração participando de um entrevista via e-mail, que funcionará segundo o modelo do ciclo de aprofundamento de Kelchtermans (1994). Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. **Quanto aos riscos e benefícios de sua participação nesta pesquisa informamos que a história núcleo/grupo e de sua atuação nele retornará para a sua aprovação de forma que nada será publicado sem a sua anuência.**

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

As pesquisadoras estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura da/o Participante da Pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para

Mayanne Júlia Tomaz Freitas ou **Maria Eulina Pessoa de Carvalho**

Endereço: **Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM), da Universidade Federal da Paraíba – UFPB/Campus I.**

Telefone: **(83) 9307-6720 ou 8817-1916**

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

ANEXO B - Carta de Anuência para Autorização de Pesquisa

Ilmo. Sr. Prof. Dr. Jorge Lyra

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **“Trajetórias dos Núcleos de Estudos da Mulher e Relações de Gênero integrantes da REDOR”** a ser realizada no *Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA)*, pela *aluna de graduação Mayanne Júlia Tomaz Freitas*, sob orientação do *Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho*, com o seguinte objetivo: *conhecer a história do núcleo/grupo e perspectivas futuras, a partir de depoimentos das/os fundadoras/es e atuais dirigentes, a serem coletados por internet e entrevistas*. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome dessa instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desse núcleo, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

Prof(a). Dr(a) Maria Eulina Pessoa de Carvalho

☐ **Concordamos com a solicitação** ☐ **Não concordamos com a solicitação**

Prof). Dr. Jorge Lyra
Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE)

ANEXO C - Questionário de Entrevista

- 1. Onde e quando nasceu? Fale sobre sua família de origem.**
- 2. Sua formação?**
- 3. Quando surgiu seu interesse e quais as suas motivações para estudar gênero?**
- 4. Situe e conte o surgimento do Núcleo e sua atuação nele.**
- 5. Idem seu ingresso na instituição de ensino e a criação do núcleo.**
- 6. Você considera o núcleo estar institucionalizado? Quais as perspectivas dos estudos de gênero e LGBT na sua instituição, na sua visão?**
- 7. Como você articula na sua trajetória estudos e militância?**
- 8. Na sua experiência, dentro e fora da academia, encontrou dificuldades, resistências, preconceitos e discriminação com relação ao seu engajamento nos estudos de gênero e ou estudos LGBT?**
- 9. Fale da sua participação na Redor e da importância da articulação do seu núcleo-Redor.**
- 10. E o futuro da Redor, como você vê?**
- 11. Você se considera um/uma feminista? Por que?**
- 12. Fale sobre seus projetos acadêmicos.**
- 13. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?**

Maria Eulina Pessoa de Carvalho
Orientadora
Mayanne Júlia Tomaz Freitas
Bolsista

Critérios de Inclusão e Exclusão

- Ser fundador/fundadora de núcleo de estudos de gênero articulados a REDOR com projeção regional, interregional e nacional.
- Ter disponibilidade para participação da pesquisa.